

**Percepção do contexto de trabalho dos docentes de
Terapia Ocupacional de instituições de ensino brasileiras
e portuguesas**

**Perception of the work context of professors of
Occupational Therapy from Brazilian and Portuguese
educational institutions**

Mariana Nicole Cassola Theobald¹

Ângela Paula Simonelli²

João Areosa³

Iranise Moro Pereira Jorge⁴

¹Terapeuta Ocupacional Curitiba , Brasil

²Departamento de Terapia Ocupacional da UFPR. Membro do Laboratório ,
Acessibilidade e Trabalho – LABRAT/UFPR , Curitiba, Brasil.

³Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE_ IPS);CICS NOVA-
Universidade Nova de Lisboa, Lisboa , Portugal.

⁴Departamento de Terapia Ocupacional da UFPR. Membro do Laboratório ,
Acessibilidade e Trabalho – LABRAT/UFPR , Curitiba, Brasil.

Resumo: O objetivo deste estudo foi investigar a percepção do contexto de trabalho dos docentes de Terapia Ocupacional de instituições brasileiras e portuguesas. Foi realizada pesquisa quantitativa, observacional e caráter transversal com 56 profissionais. Aplicou-se a Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) e os resultados foram analisados por análise estatística descritiva. Foram encontradas diferenças entre os dois países, sugerindo que o regime de trabalho e a carga horária impactam nas relações interpessoais e que a organização do trabalho é distinta dependendo da categoria de dedicação. Por fim, percebeu-se que os docentes brasileiros têm condições de trabalho mais precarizadas.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Cultura Organizacional; Docentes; Terapia Ocupacional.

Abstract: The aim of this study was to investigate the perception of the work context of professors of Occupational Therapy from Brazilian and Portuguese institutions. Quantitative, observational and cross-sectional research was carried out with 56 professionals. The Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) was applied and the results were analyzed by descriptive statistical analysis. Differences were found between the two countries, suggesting that the work regime and the workload impact on interpersonal relationships and that the work organization is different depending on the category of dedication. Finally, it was noticed that Brazilian teachers have more precarious working conditions.

Keywords: Occupational Health; Organizational Culture; Faculty; Occupational Therapy.

Resumén: El objetivo de este estudio fue investigar la percepción del contexto laboral de los profesores de Terapia Ocupacional de instituciones brasileñas y portuguesas. Se realizó una investigación cuantitativa, observacional y transversal con 56 profesionales. Se aplicó la Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) y los resultados se analizaron mediante análisis

estadístico descriptivo. Se encontraron diferencias entre los dos países, lo que sugiere que el régimen de trabajo y la carga de trabajo impactan en las relaciones interpersonales y que la organización del trabajo es diferente según la categoría de dedicación. Finalmente, se notó que los docentes brasileños tienen condiciones de trabajo más precarias.

Introdução

Após a reestruturação produtiva iniciada na década de 1970, marcada pela globalização, os trabalhadores e organizações experimentaram importantes transformações que originaram novos modelos de gestão, culminando em mudanças no conteúdo, natureza e significado do trabalho (CAMPOS e DAVID, 2011). Neste sentido, segundo Areosa (2019), atualmente percebe-se, devido à busca pelo lucro como principal finalidade, a alta exigência das empresas quanto à qualidade e produtividade, configurada por cargas horárias excessivas, ritmo intenso de atividades, pressão temporal, entre tantos outros aspectos que, conseqüentemente, impactam na saúde do trabalhador e efetividade organizacional (ANTLOGA et al., 2014).

Para alguns tipos de gestão devem ser expurgadas todas as regras que dificultem as organizações de serem mais competitivas. A globalização/mundialização intensificou uma significativa cumplicidade entre o poder político e o poder econômico (sendo este último hegemônico ou dominante). A partir desta perspectiva, o progresso econômico e a "saúde" (financeira) das organizações e do Estado só poderá ser sustentável através da desregulamentação laboral, da liberalização e da redução da despesa de investimentos públicos. É defendido por alguns que as crises são obrigatórias e representam uma espécie de "purificação" das sociedades. O estado de providência e a proteção social são vistos como pesos que são necessários reduzir. O salário mínimo aumenta o desemprego, por isso deve ser introduzida mais flexibilidade. As organizações devem ser reinventadas, através de processos de reengenharia.

A legislação trabalhista deve ser cortada e conseqüentemente os direitos dos trabalhadores devem ser diminuídos. Esta cartilha é repetida vezes sem conta, a partir da lógica neoliberal, a qual deve ser amplamente condenada e criticada (GAULEJAC, 2007). Este tipo de

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

práticas são decisões políticas ou gestonárias, não são uma inevitabilidade. Mas são essas decisões (neoliberais) que estão na base da pobreza, da insegurança, da precarização das relações laborais e do sofrimento relacionado ao trabalho (AREOSA, 2018).

Não se pode afirmar que o desenvolvimento atual é harmonioso quando: o aumento do lucro é pago com a diminuição de salários ou com a redução do número de trabalhadores e a intensificação do trabalho dos que permanecem em seus postos; a melhoria de alguns bens e serviços é feita à custa de quem não os pode pagar e aceder (devido à elevação dos preços); a segurança, a proteção e as vantagens de alguns trabalhadores "geram" a precariedade e a exclusão de outros. Uns sofrem de esgotamento por sobrecarga de trabalho e outros não têm emprego. Para sair deste ciclo infernal é urgente repensar os nossos modelos de gestão e as políticas sociais/públicas, reconciliando a sociedade na direção do bem-comum (GAULEJAC, 2007; AREOSA, 2019).

Em paralelo, a sociedade atual centraliza no trabalho o caráter de principal atividade desempenhada na vida adulta, estando ele associado à formação de valores e habilidades individuais e à participação social e cidadã (RONCOLETA et al., 2019). Assim, na perspectiva de Dejours (1991), o trabalho constitui papel fundamental na construção da identidade, interrelacionando-se às afetividades e emoções. Ainda, dada a sua natureza polissêmica e multifacetada, o trabalho está permeado por relações de poder e dominação, constituindo uma ambivalência entre o prazer que suscita e o sofrimento que produz (AREOSA, 2019). Desse modo, muito além de gerador de bens e serviços, ele pode repercutir na vida do trabalhador de maneira positiva ou negativa, o que está diretamente relacionado ao contexto de trabalho e às relações nele existentes (DEJOURS, 1991).

O mundo do trabalho é ambivalente, dado que tanto pode dignificar, como danificar a vida do trabalhador. Nesse último caso, lembremos, por exemplo, o trabalho penoso, desgastante e precarizado. Mas é a partir desse mesmo trabalho que o homem age e transforma o ambiente

Então, partindo-se do pressuposto de que o homem age sobre e transforma o ambiente por meio do trabalho, pode-se afirmar que ele dignifica a vida em aspectos pessoais e sociais, gerando significado e

mediando a relação entre sujeito e sociedade (SILVA E DUTRA, COSTA e SAMPAIO, 2016).

O trabalho docente no ensino superior, por tradição, é reconhecido socialmente por seu papel na educação e formação de jovens, mas não está imune às injunções do mundo do trabalho atual. Observa-se que no Brasil, a reestruturação acadêmica, as reformas administrativas nas universidades públicas, decorrentes da reestruturação da produção e da economia, tem contribuído para condições de trabalho inadequadas e para o aumento, desmedido, da demanda por produtividade, que muitas vezes se baseia em critérios que não contribuem, efetivamente, para uma melhora na qualidade dos serviços oferecidos pela universidade à população. Toda essa sobrecarga de trabalho vai influenciando negativamente na saúde dos professores.

Segundo estudos da relação entre trabalho, adoecimento e produtivismo dos docentes de universidades públicas brasileiras (OLIVEIRA, PEREIRA e LIMA, 2017), este iniciou-se nas instituições públicas de ensino na década de 1990 por meio de uma reforma administrativa que se pautava na introdução de estratégias gerenciais que direcionavam o tripé ensino, pesquisa e extensão para o mercado de trabalho, inspirados no ensino privado comumente realizado no país, reduzindo a lógica do público ao privado. Dessa forma, o critério de produtividade foi estabelecido especialmente no número de publicações, reforçando uma lógica individualista e produtivista.

Alguns estudos começaram a estabelecer a relação entre trabalho, adoecimento e produtivismo dos docentes de universidades públicas brasileiras (OLIVEIRA, PEREIRA e LIMA, 2017). Foi durante década de 1990 que se iniciou uma reforma administrativa que se pautava na introdução de estratégias gerenciais que direcionavam o tripé ensino, pesquisa e extensão para o mercado de trabalho docente, visando o aumento da produtividade. Mais tarde essa lógica foi intensificada a partir do critério de produtividade estabelecido pelo número de publicações, reforçando uma lógica individualista e produtivista.

Para garantir 'lugar ao sol' e não se tornar 'professores de segunda classe', compromete-se o trabalho coletivo em prol do trabalho individual. Cada docente individualmente se engaja em busca incessante por maior produção afim de obter maior capital (real e simbólico); busca sem fim,

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

uma vez que os critérios elevam-se constantemente. Nesse contexto, aqueles que não alcançam as metas adoecem devido à vergonha pela desqualificação relacionada ao incumprimento; porém, aqueles que conseguem atingir a produtividade também adoecem devido ao desgaste físico e psíquico. Segundo Oliveira, Pereira e Lima (2017), esse cenário evidenciou um aumento da sobrecarga de trabalho para os docentes que passaram a trabalhar além das 40 horas semanais, sendo a jornada de trabalho estendida para horas que deveriam ser dedicadas a lazer e repouso.

Neste sentido, afirma-se que a sobrecarga de trabalho, somada às demandas de crescimento profissional e pessoal e tarefas domiciliares, interfere no desempenho de atividades de lazer dos docentes (MEIRA et al., 2014). Isto, então, caracteriza um descuido geral da própria saúde, refletindo, ainda, em desejos de abandono da atividade profissional, no absenteísmo, esgotamento e autoculpabilização (PAIVA e SARAIVA, 2005).

Estudos apontam a carga mental como risco ocupacional psicossocial mais relatado pela amostra, seguido do estresse como principal alteração de saúde mencionada (CARAN et al., 2011). Foi igualmente corroborado que a categoria docente tem adoecido devido às condições de trabalho, principalmente no que tange a associação de sobrecarga de trabalho e falta de autonomia que geram sintomas físicos, psíquicos e psicossociais. Alguns desses sintomas podem ser expressos por: alterações do sono, insônia, enxaqueca, alterações da pressão, alterações da glicose e taquicardia, estresse, crises gástricas, ansiedade, estados depressivos, crises hipertensivas, labirintite, gripes e resfriados constantes, diabetes, distúrbios hormonais, problemas dermatológicos, cistite, diarreia e dispneia. Além disso, os adoecimentos psicossomáticos apresentam-se como os mais relatados (OLIVEIRA, PEREIRA e LIMA, 2017).

Portanto, torna-se imprescindível observar o impacto que as exigências do trabalho acarretam para a saúde dos professores, incluindo as pressões psíquicas que os sujeitos se irão confrontar durante a sua jornada de trabalho (LANCMAN, 2007). Essa discussão se articula com a saúde mental no trabalho e com a subjetividade.

Uma das disciplinas que tem debatido esta temática é a Psicodinâmica do Trabalho, a qual efetua uma análise dinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pela situação do trabalho (AREOSA,

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

2019). Para tal, “se trata de um campo do conhecimento que estuda as relações indissociáveis entre o trabalho, sua organização e os trabalhadores que o vivenciam [...]” (LANCMAN et al., 2019). Assim, é possível compreender o processo saúde/doença no trabalho com base na análise dos aspectos biopsicossociais do trabalhador, concebendo-o em sua dimensão subjetiva e vivências singulares, somada à organização do trabalho. Isso se justifica pela multidimensionalidade desta relação, constituída das interações entre trabalhador, coletivo e contexto de trabalho. Esta abordagem permite, então, a percepção das forças subjetivas, compostas por aspectos psíquicos, sociais, políticos e econômicos que podem influenciar o contexto do trabalho de maneiras distintas (CAMPOS e DAVID, 2011).

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar a percepção do contexto de trabalho dos docentes de Terapia Ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas.

Método

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de abordagem quantitativa, observacional, de caráter transversal.

A pesquisa, desenvolvida no primeiro semestre de 2018, foi estruturada em duas etapas. Inicialmente, utilizou-se um questionário sociodemográfico, a fim de se descrever a amostra quanto a informações pessoais e perfil laboral. Em seguida, foi aplicado o questionário denominado Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT), integrante do Inventário Sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA (MENDES e FERREIRA *in* MENDES, 2007), conjunto de instrumentos que auxiliam no diagnóstico de indicadores críticos no âmbito do trabalho. Esses instrumentos permitem caracterizar e compreender os contextos de trabalho em que se encontram os terapeutas ocupacionais brasileiros e portugueses. O inventário foi validado no Brasil em 2003 e readaptado em 2004 e 2006.

A EACT é um questionário composto por 31 itens que avaliam três domínios: organização do trabalho, condições de trabalho e relações socioprofissionais. O instrumento é mensurado por escala *Likert* de cinco pontos de frequência, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre).

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

O instrumento permite autorresposta, a partir da percepção dos professores que se disponibilizaram a participar na pesquisa.

A amostra deste estudo foi constituída por conveniência, sendo composta por 30 docentes (universitários) terapeutas ocupacionais de Portugal, pertencentes a três escolas, (as únicas que existem no país nesta área) e 26 docentes terapeutas ocupacionais brasileiros, também de três instituições públicas do sul do país (mantendo assim a proporcionalidade entre os dois países).

A análise dos dados foi realizada de acordo com os critérios desenvolvidos pelos autores do instrumento EACT/ITRA, que gera médias e atribui resultados de avaliação conforme tabela 1. Além disso, foi utilizada análise estatística descritiva com auxílio do Excel, considerando-se frequência, média e desvio padrão. Por ser construída de itens negativos, a análise foi realizada por domínio, com base em três níveis diferentes e desvio padrão em relação ao ponto médio.

Tabela 1. Níveis e avaliação da EACT.

Níveis	Avaliação
Acima de 3,7	Avaliação mais negativa, grave
Entre 2,3 e 3,69	Avaliação mais moderada, crítico
Abaixo de 2,29	Avaliação mais positiva, satisfatório

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa no Brasil (CEP), cujo número do protocolo é 1.574.204, o qual garante sigilo e anonimato a partir da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com resolução número 466/12 CNS Brasil.

Resultados

Caracterização da amostra

Participaram deste estudo 26 docentes do Brasil e 30 docentes de Portugal. A seguir, serão apresentados os dados relativos ao perfil da amostra, conforme tabela 2. Inicialmente, nota-se que, em ambos os

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

países, o índice de participantes do sexo feminino (81% e 73%) foi maior que do sexo masculino (19% e 27%).

No que tange à idade média da população estudada, observou-se 44 anos para mulheres e 48 anos para homens no Brasil, enquanto, em Portugal, as médias são de 42 e 41 anos, respectivamente. Em relação ao estado civil, o maior índice apresentado, em geral, foi de profissionais casados (54% no Brasil e 37% em Portugal); quanto ao menor, evidenciaram-se outros tipos de relação (11% e 0%), seguidos por índices semelhantes, entre os países, de profissionais divorciados/separados (11% e 13%).

Tabela 2. Caracterização sociodemográfica da amostra

	Brasil	Portugal
Sexo		
Feminino	81%	73%
Masculino	19%	27%
Idade média		
Feminina	44	42
Masculina	48	41
Estado civil		
Solteiro	12%	20%
Casado	54%	37%
Divorciado/ separado	11%	13%
União estável	12%	30%
Outro	11%	0%
Escolaridade		
Doutor	58%	40%
Especialista	4%	34%
Graduado	0%	23%

Mestre	31%	3%
Pós-doutor	7%	0%
Tempo médio de trabalho na instituição	103 meses	92 meses

Regime de trabalho

Dedicação exclusiva	96%	45%
Dedicação parcial	4%	46%
Integral sem dedicação exclusiva	0%	9%

Quanto à escolaridade, referente aos dados da tabela 2, tanto brasileiros quanto portugueses têm, em sua maioria, a titulação de doutor (58% e 40%); já os demais níveis variam entre as nacionalidades, sendo os especialistas em menor número na amostra brasileira (4%) e os mestres na lusitana (3%) (sem contabilizar os índices iguais a 0%). Além disso, os profissionais lecionam nas instituições há uma média de 97,5 meses, correspondendo a 8,6 anos para os brasileiros e 7,7 para os portugueses. Por fim, percebe-se que a maioria dos docentes de Portugal se encontra em regime de trabalho caracterizado por dedicação parcial (46%), sendo mais comum encontrar, entre os do Brasil, o regime de dedicação exclusiva (96%).

Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT)

Ao realizar a análise geral da EACT, o qual considera os três fatores (organização do trabalho, relações socioprofissionais e condições de trabalho), a tabela 3 apresenta as avaliações de média, desvio padrão e variância gerais de cada fator.

Tabela 3. Avaliação geral por fator da EACT.

Fator	Brasil			Portugal		
	Média	DP	Variância	Média	DP	Variância
Organização do Trabalho	3,42	0,78	0,62	3,47	0,78	0,62
Relações Socioprofissionais	2,58	0,89	0,8	2,52	0,83	0,69
Condições de Trabalho	2,7	0,88	0,78	2,3	0,71	0,52

No que diz respeito ao fator Organização do Trabalho, ambas as médias se enquadram no nível de avaliação “mais moderada, crítico” (3,42 para Brasil e 3,47 para Portugal). No tocante às Relações Socioprofissionais, as médias gerais 2,58 e 2,52 demonstram que os docentes brasileiros e portugueses também percebem o fator em questão sob avaliação “mais moderada, crítico”. Por fim, o fator Condições de Trabalho, assim como os demais, também foi avaliado em nível “moderado, crítico”, cujas médias são iguais a 2,7 (Brasil) e 2,3 (Portugal).

Neste sentido, percebe-se que as médias mais negativas relacionam-se ao fator Organização do Trabalho para ambos os países, dada suas proximidades com o índice encontrado na avaliação “negativa, grave” (a partir de 3,7). Neste domínio, são avaliados aspectos como ritmo de trabalho, pressão de prazos, cobranças por resultados, organização das atividades, sobrecarga, entre outros.

De maneira mais aprofundada, a tabela 4, apresenta, por sua vez, as médias e frequências para cada item da EACT, possibilitando visualizar aspectos específicos que suscitaram avaliação diferente da geral.

Tabela 4. Médias e frequências percebidas por item da EACT

	Brasil			Portugal		
	Média	Freq.	%	Média	Frequ.	%
Organização do Trabalho						
O ritmo de trabalho é excessivo	4,23	4	54	4,03	4	50
As tarefas são cumpridas com pressão de prazos	3,73	4	54	3,77	4	53
Existe forte cobrança por resultados	3,77	4	54	3,97	4	57
As normas para execução das tarefas são rígidas	3	3	62	3,37	3	43
Existe fiscalização do desempenho	3,35	3	69	3,47	3	43
O número de pessoas é insuficiente para se realizar as tarefas	3,81	4	43	3,47	3	43
Os resultados esperados estão fora da realidade	2,92	3	69	2,63	3	53
Existe divisão entre quem planeja e quem executa	2,88	3	50	3,17	3	43
As tarefas são repetitivas	3,35	3	50	3,6	4	63
Falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho	3,85	4	46	3,06	3	50
As tarefas executadas sofrem descontinuidade	3,19	3	58	3,63	4	50
Relações Socioprofissionais						
As tarefas não estão claramente definidas	2,23	2	42	2,27	2	57
A autonomia é inexistente	2,27	2	50	2,17	2	57
A distribuição das tarefas é injusta	3,04	3	58	2,63	3	40
Os funcionários são excluídos das decisões	2,19	3	46	2,63	3	43
Existem dificuldades na comunicação chefia e subordinados	2,11	3	38	2,2	2	50

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

Existem disputas profissionais no local de trabalho	2,92	3	35	3	2	37
Falta integração no ambiente de trabalho	3,5	3	54	3,13	3	40
A comunicação entre funcionários é insatisfatória	2,92	3	54	2,53	2	47
Falta apoio das chefias para o meu desenvolvimento profissional	2,19	2	42	2,3	2	47
As informações que preciso para executar minhas tarefas são de difícil acesso	2,42	3	42	2,33	2	50
Condições de Trabalho						
As condições de trabalho são precárias	2,69	3	58	2,47	3	50
O ambiente físico é desconfortável	2,38	3	42	1,93	2	67
Existe muito barulho no ambiente de trabalho	2,81	2	42	2,47	4	57
O mobiliário existente no local de trabalho é inadequado	2,54	3	39	2,23	2	53
Os instrumentos de trabalho são insuficientes para realizar as tarefas	3	3	62	2,6	2	50
O posto/estação de trabalho é inadequado para realização das tarefas	2,46	3	35	2,1	2	63
Os equipamentos para realização das tarefas são precários	3,46	3	46	3	4	37
O espaço físico para realizar o trabalho é inadequado	2,54	3	39	2,2	2	60
As condições de trabalho oferecem riscos à segurança física das pessoas	2,04	2	58	1,57	2	50
O material de consumo é insuficiente	3,04	3	42	2,5	2	43

Assim, no que concerne à Organização do Trabalho, cinco itens obtiveram avaliação “mais negativa, grave” pelos docentes brasileiros, sendo três deles compartilhados pelos portugueses. São eles: “o ritmo de trabalho é excessivo”, “as tarefas são cumpridas com pressão de prazos” e “existe forte cobrança por resultados”.

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

Além destes, o Brasil ainda avaliou negativamente os aspectos “o número de pessoas é insuficiente para realizar as tarefas” e “falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho”. Este panorama é reforçado pela presença majoritária das frequências “às vezes” (3) e “frequentemente” (4) em todos os itens.

Quanto às Relações Socioprofissionais, três itens fogem individualmente à avaliação geral, enquadrando-se como “mais positiva, satisfatório” na avaliação realizada por toda a amostra: “as tarefas não estão claramente definidas”, “a autonomia é inexistente” e “existem dificuldades na comunicação entre chefia e subordinados”. Ainda, para brasileiros, os aspectos “os funcionários são excluídos das decisões” e “falta apoio das chefias para meu desenvolvimento profissional” obtiveram médias mais positivas.

Já nas Condições de Trabalho, Portugal apresentou médias mais baixas que o Brasil de um modo geral, demonstrando avaliação “mais positiva, satisfatório” para quatro itens (“o ambiente físico é desconfortável”, “o mobiliário existente no local de trabalho é inadequado”, “o posto/estação de trabalho é inadequado para realização de tarefas” e “o espaço físico para realizar o trabalho é inadequado”). O aspecto “as condições de trabalho oferecem riscos à segurança física das pessoas” foi avaliado individualmente no índice mais positivo por ambas as nacionalidades.

Discussão

Em relação aos participantes da pesquisa, nota-se uma prevalência de docentes do sexo feminino em ambos os países. Para o Brasil, estes dados são compatíveis com estudos anteriores, que verificam maioria de mulheres em atuação nas áreas de saúde dentro do ensino superior (BACKES, THOMAZ e SILVA, 2016). Quanto a Portugal, os dados gerais demonstram alguma diferença relativamente à amostra do presente estudo (DGEEC, 2016).

Um aspecto que merece destaque é referente à titulação: a amostra dos dois países é constituída majoritariamente por doutores, sendo seguida por mestres no Brasil e especialistas em Portugal. Isto aponta para exigências de formação, anteriormente exploradas, que submetem

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

os profissionais da área à atualização constante – atividade que, apesar de extremamente demandante, nem sempre é remunerada, além de ser pré-requisito para contratação em muitos casos. Neste sentido, apesar do trabalho docente apresentar demandas físicas, cognitivas e afetivas, tem-se destaque para sua natureza intelectual, permeada pela busca constante por aprimoramento – requisito chave para manutenção no mercado competitivo – e pelas angústias advindas da estruturação da carreira (CARAN et al., 2011). Por outro lado, a somatória entre a porcentagem de especialistas e graduados da amostra portuguesa (57%) ultrapassa a quantidade de doutores lusitanos (40%), e este dado pode estar relacionado ao regime de contratação oferecido pelas instituições – quanto maior a titulação, mais possibilidades de o profissional conquistar um contrato de dedicação exclusiva.

No tocante ao regime de trabalho, verifica-se que os docentes portugueses apresentam em sua maioria o trabalho caracterizado por dedicação parcial e, no Brasil, destaca-se o regime de dedicação exclusiva, valores estes que afirmam o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Ainda, estudos reforçam que características de titulação e qualificação adequadas ao exercício profissional proporcionam uma escola eficaz/de qualidade, bem como o regime de dedicação exclusiva, quando o docente leciona em apenas uma escola (PEREIRA JORGE e AREOSA, 2018; DOURADO, OLIVEIRA e SANTOS, 2007). Neste sentido, estudo realizado com professores universitários sobre a saúde autopercebida (RORCHA e SARRIEIRA, 2006) revelou uma relação entre o número de horas semanais dedicadas à universidade e o nível geral de saúde: os professores com regime de dedicação exclusiva apresentaram uma pior percepção da própria saúde quando comparados àqueles com carga horária menor.

Tais achados podem concluir que, quanto maior a carga horária, maior é a sobrecarga de atividades – o que também ficou evidenciado neste estudo. Para os docentes brasileiros, os itens “o ritmo de trabalho é excessivo” e “falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho”, enquadrados na Organização do Trabalho, obtiveram médias maiores que os portugueses. Além disso, deve-se destacar a percepção brasileira sobre a insuficiência de recursos humanos, associada à menor quantidade de profissionais que os contratos de dedicação exclusiva geralmente

comportam – culminando, novamente, em sensação de sobrecarga. Este panorama é intensificado pelas exigências de produtividade e qualificação, que incumbem aos profissionais da área uma demanda que ultrapassa os limites físico e temporal da universidade, estendendo-se ao domicílio e às horas que deveriam ser de descanso (RODRIGUES et al., 2020).

Por outro lado, em análise considerando todos os itens relacionados ao aspecto Organização do Trabalho, Portugal apresentou níveis sutilmente maiores do que o Brasil, o que pode estar relacionado ao regime de dedicação parcial, dada a precarização dos contratos de trabalho e insegurança que ele pode gerar no profissional.

Itens relacionados à pressão de prazos, normas rígidas para execução das tarefas, forte cobrança por resultados e divisão entre quem planeja e quem executa configuram o regime de dedicação parcial, em que há menos tempo hábil para produção e maior subordinação aos departamentos. Inclusive, a média para o item “as tarefas executadas sofrem descontinuidade” traduz o impacto do regime de trabalho sentido pelos lusitanos na dedicação parcial.

Entretanto, a proximidade entre as médias e frequências atribuídas ao domínio “Organização do Trabalho” por ambos países indica que este é o aspecto que interfere mais negativamente no desempenho laboral docente, dados os demais campos avaliados pelo questionário. Nesta lógica, percebe-se que o desempenho ocupacional das atividades docentes pode ser comprometido por uma gama de fatores organizacionais, tendo impacto direto sobre a saúde dos professores (ARAÚJO et al., 2005). Além disso, aspectos relacionais, produtivos e tecnológicos, constituintes da organização do trabalho, podem desencadear “uma tensão excessiva no cotidiano laboral” (PEREIRA JORGE e AREOSA, 2018).

Este quadro pode ser intensificado pelas transformações atuais no ambiente de trabalho, que culminam no aumento do ritmo das atividades, polivalência, exigência por alta produtividade, evolução da tecnologia e precarização das relações sócio-laborais, o que pode originar adoecimento de diversas ordens – muitas vezes decorrentes, primariamente, dos níveis de stress elevados a que os trabalhadores estão expostos (GOMES et al., 2013). Estes achados são compatíveis com demais estudos (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005), de acordo com os quais a transformação atual na organização do trabalho docente criou um panorama de novas

exigências e habilidades requeridas, o que modificou a atividade de lecionar, intensificando-a e gerando sobrecarga.

Ainda, este cenário pode ser corroborado pelo aspecto Relações Socioprofissionais: apesar do equilíbrio nas avaliações dos dois países, é perceptível que os maiores índices foram atribuídos pelos docentes portugueses a itens associados ao relacionamento com a chefia, como comunicação com os superiores, falta de participação em decisões, falta de clareza na definição de tarefas e falta de apoio da chefia. Os brasileiros, por sua vez, pontuaram com médias maiores as dificuldades de integração com a própria equipe, sugerindo novamente que o regime de trabalho afeta inclusive as relações interpessoais, devido a aspectos como hierarquização, distribuição das tarefas e atribuições. Ademais, o domínio em questão foi o menos pontuado pelos docentes do Brasil, sinalizando que dificuldades de relacionamento com a chefia podem ser realmente impactantes no desempenho das atividades laborais.

Por este ângulo, pesquisas (CARAN et al, 2011) apontam o relacionamento interpessoal como potencial risco ocupacional psicossocial, determinado principalmente pelo processo de comunicação e participação direta dos trabalhadores na organização do trabalho (possibilidade de sugestões e manifestação de insatisfações). Sob esta perspectiva, o potencial estressor pode ser agravado caso seja percebida limitação de acesso aos superiores, falta de suporte social e violência (física e moral) vinculada ao trabalho.

Caso os conflitos interpessoais sejam contínuos, a falta de coesão pode favorecer o adoecimento; por outro lado, quando eles estimulam a busca conjunta por soluções, pode ter caráter positivo e agregador (SPÍNDOLA, 2000). Por fim, encontra-se ainda que as mudanças ocorridas, nas últimas décadas, na caracterização do trabalho em universidades, geraram diversas exigências, sendo uma delas a competitividade e luta por reconhecimento no meio acadêmico (SERVILHA e ARBACH, 2011).

Por fim, o domínio Condições de Trabalho aponta uma reflexão relevante: todos os itens nele enquadrados foram avaliados mais negativamente pelos brasileiros – evidenciando que estes sofrem maior impacto das condições precárias de trabalho. Esta precariedade de condições é traduzida por aspectos como infraestrutura deteriorada, falta

de equipamentos e insumos, tecnologias ultrapassadas, ergonomia inadequada, entre outros. A combinação de todos esses elementos oferece alto impacto à saúde nos âmbitos físico, emocional e cognitivo e, quando somados à sobrecarga do trabalho, podem gerar um aumento na jornada de trabalho (OLIVEIRA, PEREIRA e LIMA, 2017).

Neste sentido, a temporalidade do trabalho sob a lógica da produtividade ganha novo significado, partindo-se do pressuposto de que “o trabalho não é medido por um dia real de trabalho, mas sim, pela quantidade de produtos” – traço do mundo capitalista que pode gerar intenso adoecimento profissional (HARVEY, 2013). Isto é confirmado, ainda, por este ser o aspecto geral menos pontuado pelos portugueses, apontando que os latino-americanos estão sujeitos a piores condições de trabalho.

Nesta perspectiva, encontra-se na literatura que essa categoria profissional é uma das mais expostas aos ambientes conflituosos, competitivos, de alta exigência de trabalho, pressão de tempo e produtividade. Em pesquisa realizada com 54 docentes de uma instituição de ensino superior pública do interior do Estado de São Paulo, 35% relataram a carga mental como um risco psicossocial relacionado ao trabalho, e desses, 87% relataram que esses riscos afetavam sua saúde e eram geradores de estresse e ansiedade (CARAN et al., 2011). Isto corrobora o impacto negativo de aspectos dos três domínios do EACT sobre os docentes.

O mundo do trabalho atual tem promovido a concorrência desmedida entre pares e fomenta uma cultura que atrai trabalhadores ambiciosos e com sede de “vencer”, dispostos a “entregar a alma”. Normalmente, esses trabalhadores acabam por ser vítimas da sua própria personalidade, mas, sobretudo do contexto e da cultura onde estão inseridos. Existe uma ideologia que sustenta esse formato de trabalho: o neoliberalismo. São as organizações que constroem determinadas condições que favorecem o desenvolvimento de comportamentos reprováveis e imorais. A exploração é levada ao extremo, incluindo a autoexploração (camuflada, por vezes, sob a capa de realização pessoal e necessidade de reconhecimento). Hoje o indivíduo autoexplora-se e acredita que isso é realização (HAN, 2017). Segundo o autor, a autoexploração é mais eficiente do que a exploração feita pelo outro, dado que é vivenciada como um sentimento de liberdade.

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

Neste contexto, agressor e vítima não podem ser separados, “eles” são a mesma pessoa. Nas atuais sociedade do trabalho e do elevado desempenho, realizar-se e autodestruir-se caminham de mãos dadas.

Conclusão

É notável que o processo de trabalho docente sofreu transformações ao longo dos anos, sendo introduzidas mudanças na organização do trabalho. A polivalência caracterizada pelas novas atribuições – que aumentam a cada dia – e a exigência por alta produtividade e constante atualização produzem intensificação e prolongamento da jornada de trabalho, o que é reforçado por condições de trabalho precárias. Todo esse cenário, ainda, configura novas relações socioprofissionais na cultura acadêmica, culminando no adoecimento psíquico desses profissionais.

Concluiu-se, portanto, a partir do uso da Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT/ITRA), que todos esses domínios impactam diretamente no desempenho das atividades laborais de professores de Terapia Ocupacional tanto do Brasil quanto de Portugal. Dos três domínios, a “Organização do Trabalho” foi considerada mais negativa por ambos. Porém, foram encontradas diferenças entre as percepções dos dois países, sugerindo que o regime de trabalho e a carga horária impactam nas relações interpessoais e que a organização do trabalho é distinta dependendo da categoria de dedicação.

Assim, dada a vulnerabilidade dos professores ao adoecimento físico e psíquico, tem-se como desafiadora a busca pela manutenção do equilíbrio pessoal, prevenção e controle do stress e gerenciamento de carreira (a partir do desenvolvimento de competências para o ensino, pesquisa e extensão) – o que, na verdade, deveria avançar ao mesmo passo da necessidade de adaptação docente nos contextos atuais (TAUCHEN et al., 2015). Dessa forma, nosso estudo revelou que a organização do trabalho é um dos aspectos mais criticados, sendo indissociável a sua relação com as “novas” técnicas de gestão (DEJOURS, 2006; GAULEJAC, 2007).

No mundo ocidental, estima-se que em 2020 a principal causa de afastamento ao trabalho esteja relacionada com fatores psicossociais. É pertinente ter em conta que tanto no trabalho material (tendencialmente

físico) como no trabalho imaterial (tendencialmente intelectual), além da energia física, o trabalhador faz igualmente uso dos seus saberes e experiências, da sua inteligência, da sua capacidade de análise e interpretação. O conhecimento, enquanto força produtora de trabalho, foi debatida, pelo menos, desde o século XIX. Gorz (2005) preconiza que o tempo livre dos trabalhadores é colocado ao serviço da produção. Para a realização do trabalho imaterial, como é o caso do trabalho docente, não são apenas necessárias as competências profissionais, são, sobretudo, necessárias as habilidades sociais, a capacidade de improvisação e de cooperação, tendencialmente adquiridas fora do ambiente de trabalho. O autor ainda observa que as organizações consideram “seu” esse “capital humano” que é, de fato, um recurso gratuito oferecido pelos trabalhadores. Sabe-se que este “capital humano” é imprescindível para que haja êxito na produção. Os professores são o exemplo paradigmático de como as suas competências pessoais (adquiridas socialmente) são colocadas ao serviço das organizações onde trabalham.

Este estudo elencou resultados referentes a apenas 1 escola de cada país, apresentando limitações concernentes à dinâmica de contextos relacionados ao trabalho entre os dois países. Portanto, espera-se continuidade de pesquisas na mesma temática, que repliquem este e outros questionários num maior número de escolas e docentes, para que sejam aprofundados os resultados agora obtidos.

Referências

ANTLOGA, C. S. et al. Contexto de trabalho e custo humano no trabalho em um órgão do poder judiciário brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, p. 4787-4796, Dec. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014001204787&lng=en&nrm=iso>. DOI: 10.1590/1413-812320141912.22252013

ARAÚJO, T. M. et. al. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição do ensino superior. **Rev Baiana de Saúde Pública**. Salvador, v. 29, n. 1, p. 6-21, Jun. 2005. Disponível em <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=416272&indexSearch=ID>>

AREOSA, J. O trabalho como palco do sofrimento. **International Journal on Work Condition**. n. 15, p. 81-95, 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/331277363_O_trabalho_como_palco_do_sofrimento>

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

AREOSA, J. O mundo do trabalho em (re)análise: um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. **Laboreal [online]**. Porto, v. 15, n. 2, p. 1-24, 2019. Disponível em <<http://journals.openedition.org/laboreal/15486>>

BACKES, V. F.; THOMAZ, J. R. e SILVA, F. F. Mulheres docentes no ensino superior: problematizando questões de gênero na universidade federal do pampa. **Cad. Ed. Tec. Soc.** Inhumas, v. 9, n. 2, p. 166-181, 2016. Disponível em <<http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/download/354/173>>

Brasil. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, 1996.

CAMPOS, J. F.; DAVID, H. S. L. Avaliação do contexto de trabalho em terapia intensiva sob o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Rev Esc Enferm USP**. São Paulo, v. 45, n.2, p. 363-368, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200009>. DOI: 10.1590/S0080-62342011000200009

CARAN, V. C. S. et al. Riscos ocupacionais psicossociais e sua repercussão na saúde de docentes universitários. **Rev. enferm. UERJ**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 255-261, 2011. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v19n2/v19n2a14.pdf>>

DEJOURS C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DGEEC – Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência. Estatísticas dos recursos humanos do ensino superior. 2016.

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. e SANTOS, C. A. A qualidade da educação: conceitos e definições. Brasília: Inep (Série Documental. Textos Para Discussão), 2007.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M. e ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001200017> DOI: 10.1590/S0102-311X2006001200017

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GOMES, A. R. et al. Stress, avaliação cognitiva e burnout: um estudo com professores do ensino superior. **Rev Sul-Americana de Psicologia**. São Paulo, v.1, n. 13, p. 1-20, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-650X2013000100002>

GORZ, A. **O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HARVEY, D. Os limites do capital. São Paulo: Boitempo; 2013.

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

LANCMAN, S. Psicodinâmica do Trabalho. In: Cavalcanti A, Galvao C. **Terapia Ocupacional – Fundamentos e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007.

LANCMAN, S. et al. Precarização do trabalho e sofrimento psíquico: ação em psicodinâmica do trabalho em um serviço de farmácia hospitalar universitário. **Rev. bras. saúde ocup.** São Paulo, v. 44, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572019000100308&lng=en>. DOI:10.1590/2317-6369000006118.

MEIRA, T. R. M. et al. Percepções de professores sobre trabalho docente e repercussões sobre sua saúde. **Rev Bras de Promoção Saúde**. Fortaleza, v.27,n.2, p.276-282, 2014. Disponível em <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2595/pdf>>

MENDES, A. M.; FERREIRA, M. C. Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento - ITRA: Instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: Mendes AM (Ed.). **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007. p. 111-126.

OLIVEIRA, A. S. D; PEREIRA, M. S. e LIMA, L. M. Trabalho, produtividade e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**. Fortaleza, v.21, n.3, p. 609-619, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-609.pdf>> DOI: 10.1590/2175-3539/2017/0213111132

PAIVA, K. C. M; SARAIVA, L.A.S. Estresse ocupacional de docentes do ensino superior. **RAUSP**. São Paulo, v.30, n.2, p. 145-158, 2005. Disponível em <<http://200.232.30.99/download.asp?file=V4002145.pdf>>

PEREIRA JORGE, I. M.; AREOSA, J. Stress e trabalho: percepções de docentes terapeutas ocupacionais do Brasil e Portugal. **International Journal on Working Conditions**. Porto, v.1, n.16, p; 139-157, 2018. Disponível em <https://www.academia.edu/38288696/Stress_e_trabalho_-_percep%C3%A7%C3%B5es_de_docentes_terapeutas_ocupacionais_do_Brasil_e_Portugal>

RODRIGUES, M.A.S. et al. A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. **Ciênc. Saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.25, n.5, p. 1829-1837, 2020. Disponível em <<https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25n5/1829-1838/pt/>>

RONCOLETA, L. M. Fatores psicossociais e condições ambientais: sua influência a capacidade para o trabalho na área da assistência social. **Rev Bras Med Trab**. São Paulo, v.17, n.3, p. 335-345, 2019. Disponível em <<http://www.rbmt.org.br/details/470/pt-BR/fatores-psicossociais-e-condicoes-ambientais--sua-influencia-na-capacidade-para-o-trabalho-na-area-da-assistencia-social>>. DOI: 10.5327/Z1679443520190408

RORCHA, K. B.; SARRIEIRA, J. C. Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. **Psicol. Esc. Educ**. São Paulo, v.10, n.2, p.187-196, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000200003&lng=en&nrm=iso>

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

SERVILHA, E.; ARBACH, M. Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do Trabalho. **Distúrb Comun.** São Paulo, v.23, n.2, p. 181-191, 2011. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8274>>

SILVA e DUTRA, F.C.M; COSTA, L.C; SAMPAIO, R.F. A influência do afastamento do trabalho na percepção de saúde e qualidade de vida de indivíduos adultos. **Fisioter. Pesqui.** São Paulo, v.23, n.1, p. 98-104, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502016000100098&lng=en>. DOI 10.1590/1809-2950/14900923012016.

SPÍNDOLA T. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm.** São Paulo, v.34, n.4, p. 354-361, 2000. Disponível em <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/542.pdf>>

TAUCHEN, G. et al. Gestão da docência universitária: o stress na vida dos professores iniciantes. **Xv Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU.** Florianópolis, p. 1-14, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2016v9n4p255>>.

Artigo apresentado em: 29/06/2020

Aprovado em: 16/09/2020

Versão final apresentada em: 17/09/2020

THEOBALD, M. N.C; SIMONELLI, A.P; AREOSA,J; PEREIRA JORGE, I.M . *Percepção do contexto de trabalho dos docentes de terapia ocupacional de instituições de ensino brasileiras e portuguesas.* R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 24-46, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>